



MARINI, Wilson. Campinas comemora 210 anos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 jul., 1984.

# Campinas comemora 210 anos

WILSON MARINI  
AGÊNCIA ESTADO

Uma boiada cruzando o centro da cidade, guiada pelo berrante, é algo tão inusitado em uma cidade grande, como Campinas, de quase um milhão de habitantes, que surprenderia qualquer um deles. No entanto, motoristas e pedestres assistiram, perplexos, às 15 horas de um dia normal de trabalho de abril último, à passagem de dezenas de bois em plena avenida Francisco Glicério, onde se concentra a rede bancária local.

O fato mostra até que ponto podem chegar os contrastes existentes nesta cidade, que comemorou ontem 210 anos de fundação. Ela possui todos os problemas de uma metrópole, mas guarda sinais do provincianismo que ainda caracteriza o Interior de São Paulo. A cena da boiada não era presencial. Há várias décadas, desde quando as apertadas ruas centrais cederam lugar ao trânsito e a Catedral Metropolitana ficou pequena na paisagem urbana, engolida por edifícios.

Ninguém esperava pelos bois, como também não era previsto que um sítio amarrasse o seu cavalo de frente ao Correio, no poste de parquímetro que até há alguns anos controlava o estacionamento na área central, sistema substituído pela zona azul.

Não se trata, porém, da cidade tranquila que permanece na memória dos campineiros mais antigos. As andorinhas, que cobriam os céus, merecendo tal espetáculo uma descrição de Rui Barbosa no início do século, desapareceram. No lugar delas surgiu um pequeno bando de pombas, afugentadas por moradores e comerciantes do Largo do Rosário, e protegidas por alguns abnegados que lhes garantem a sobrevivência, distribuindo porções diárias de milho.

Os índices de violência são equivalentes os registrados na Grande São Paulo e nem mesmo da poluição seus moradores estão livres. A Lagoa do Taquaral, o principal recanto de lazer,

contém graus de contaminação comparáveis aos lagos mais poluídos do mundo, segundo atestou esta semana o grupo de limnologia da Universidade Federal de São Carlos.

Campinas, a segunda maior concentração populacional do Estado, reúne, nos pontos em que sua área urbana se confunde com as de Sumaré, Valinhos, Indaiatuba, Jaguariúna e Paulínia, uma população de 1,2 milhão de habitantes, o que já justifica, segundo vários projetos apresentados no Congresso Nacional, a criação de uma região metropolitana oficial. É uma das aglomerações mais atingidas pelo fenômeno do êxodo rural deflagrado nos anos 50, com o início da industrialização, e acelerado nas décadas seguintes. Mais recentemente, a taxa de crescimento caiu, mas os urbanistas calculam que, se continuar no mesmo ritmo, chegará no ano 2.000 com uma concentração de dois milhões de pessoas — a de São Paulo dos anos 50.

“Campinas precisa parar de crescer” é uma frase bastante repetida nos tradicionais cafés que resistem ao tempo e ainda são ponto de encontro de jornalistas, políticos, empresários e profissionais liberais. Ninguém se anima com o fato de a área urbana ter inchado exageradamente, a ponto de se aproximar do aeroporto de Viracopos, construído em local onde os técnicos achavam que permaneceria distante da cidade.

Há bairros a 20 quilômetros ou mais do centro urbano que fazem parte do cinturão carente que envolve a parte bem servida de serviços públicos. Em 1969 existiam dois mil favelados, hoje perdeu-se a conta, mas são no mínimo 60 mil, metade da população da cidade em 1950. Hoje, menos de um terço dos habitantes são campineiros natos — predominando os migrantes do Interior paulista, de Minas Gerais, Paraná e Nordeste, além de uma classe diferenciada de paulistanos, cariocas e estrangeiros.

Campinas está atraindo cada vez mais residentes da Grande São Paulo,

que preservam seus empregos e se deslocam diariamente no sistema Anhanguera/Bandeirantes. Ao mesmo tempo, muitos moradores da periferia acreditam que moram em São Paulo, a Capital, segundo revelou pesquisa encomendada pela prefeitura a um instituto de opinião pública.

Essa cidade, de pouco mais de dois séculos, tem duas universidades, duas academias de letras, dois bispos, dois aeroportos, dois times de futebol considerados grandes, dois jornais diários e, por incrível que pareça, duas versões da mesma história. O jornalista Jolúma Britto, autor do maior volume de dados já registrados sobre a cidade, defende a tese de que a fundação ocorreu a 15 de novembro de 1732 e não a 14 de julho de 1774, como decretou a Câmara Municipal, baseada em outros pareceres. Campinas teria agora, segundo seus cálculos, 252 anos.

A polêmica da origem do núcleo habitacional pode ser indiferente ao universo de discussão do campineiro comum — ou *campinense*, como querem os adeptos de uma das academias —, mas não o é para uma pequena elite cultural que lota os teatros e acompanha o trabalho do maestro Benito Juárez, na Orquestra Sinfônica Municipal, como se fosse a encarnação do compositor Antonio Carlos Gomes.

Uma das frustrações dessa exigente faixa de campineiros é não conviver com um Prêmio Nobel, embora oportunidade não tenha faltado ao físico César Mansuetto Lattes, cuja “bola de fogo” — partículas cubatônicas —, anunciada por ele em 1967, acabou premiando os norte-americanos Richter e Ping, nove anos depois.

Paralelamente, a população — campineiros de nascimento ou não — está discutindo mais intensamente questões como o controle da poluição, a desordem do tráfego, as falhas do transporte coletivo, a elevada mortalidade infantil, as dificuldades do abastecimento de água, o grande número de assaltos e a carência de melhoramentos nos bairros formados recentemente.



... de uma grande metrópole, mas guarda sinais do provincianismo que ainda caracteriza o Interior



MARINI, Wilson. Campinas comemora 210 anos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 jul., 1984.



Fotos Waldemar Padovani

**Ao completar 210 anos, Campinas apresenta muitos contrastes. Convive com todos os problemas...**

e viva o colorido das  
Olimpiadas em casa!

TV Nacional 30 cmx20"  
com controle remoto  
R\$ 1.200,00  
R\$ 1.100,00  
R\$ 1.000,00  
R\$ 900,00  
R\$ 800,00  
R\$ 700,00  
R\$ 600,00  
R\$ 500,00  
R\$ 400,00  
R\$ 300,00  
R\$ 200,00  
R\$ 100,00

National  
Panacolor 38